

A angústia para além do imediato da vida cotidiana sob a tutela do capital (projeto de extensão – Exposição Angústia)

Vicente José Barreto GUIMARÃES

Mestre em Educação. Docente da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL.

E-mail: vicente.guimaraes@uneal.edu.br

RESUMO: A exposição Angústia é um projeto de extensão que apresenta em sua proposta, apreender pelo olhar fotográfico, a dinâmica do cotidiano no contexto da sociedade contemporânea. As imagens devem relevar a angústia dos indivíduos diante de uma vida sem sentido, que se coloca como imutável e definitiva na sociedade burguesa. O que nos leva a seu objetivo promover o desenvolvimento da arte (fotografia) como uma experiência que permita apreender o mundo para além do seu imediato. E, com isto, colabore para a elevação da consciência sobre as contradições postas na sociedade do capital. O projeto de extensão, que resultou neste artigo, ocorreu no *Campus* Arapiraca da Universidade Estadual de Alagoas, no ano de 2023, com exposição aberta durante dois meses ao público interno e externo à UNEAL. A Exposição Angústia foi produzida pelos alunos matriculados na disciplina Arte e Educação do curso de Pedagogia, interligada ao Grupo de Pesquisa Lukács Irracionalismo e Capital (GPLIC). O resultado alcançado foi a produção de imagens sobre o cotidiano na cidade de Arapiraca-AL que expressaram o olhar dos discentes sobre a vida cotidiana sob a tutela do capital, possibilitando um processo de elevação da consciência crítica e cidadã dos alunos e do público em geral sobre a sociedade contemporânea.

Palavras- Chaves: Angústia; Capital; Vida Cotidiana; Imagens.

ABSTRACT: The central character of the Angústia exhibition was to capture, through a photographic gaze, the dynamics of everyday life in the context of contemporary society. The images must highlight the anguish of individuals in the face of a meaningless life, which is seen as immutable and definitive in bourgeois sociability. Which brings us to its objective, which is to promote the development of art (photography) as an experience that allows us to understand the world beyond its immediate environment. And with this, contribute to raising awareness about the contradictions posed in capital society. The extension project that resulted in this article took place at the Arapiraca Campus of the State University of Alagoas, with the exhibition open for two months to the public both internal and external to UNEAL. The Angústia Exhibition was produced by students of the Art and Education discipline of the Pedagogy course, linked to the Lukács Irrationalism and Capital Research Group (GPLIC). The result achieved was the production of images about everyday life in the city of Arapiraca, which expressed the students' perspective on everyday life under the tutelage of capital. In this way, enabling a process of raising the awareness of students and the general public about contemporary society.

Keywords: Anguish; Capital; Everyday Life; Images.

INTRODUÇÃO

As imagens, as representações humanas presentes nas fotografias, sempre revelam um dado momento histórico, um tipo específico e o reflexo de uma classe social. Uma imagem aparentemente sem dados, abre a possibilidade para inúmeras leituras, decodificações trazendo para nós o mesmo espanto que o filósofo Walter Benjamin sentiu ao falar sobre a fotografia de uma pescadora em seu texto: A pequena história da fotografia, de 1931: “As primeiras pessoas reproduzidas entravam nas fotos sem que nada se soubesse sobre sua vida passada, sem nenhum texto escrito que as identificasse”. Por isso estas imagens são fascinantes. Muitos filósofos e

pesquisadores que escreveram sobre fotografia, como Alfredo de Paz ou Roland Barthes, por exemplo, já anunciavam que a história da fotografia deveria ser contada pelas imagens encontrada em álbuns familiares ou nas famosas caixas de sapato. Essas, sim, importantes para a representatividade de uma determinada sociedade.

O sociólogo Pierre Bourdieu, publicou, em 1965, um livro junto com sua equipe de pesquisa, chamado *Un art moyen* (sem tradução ainda para o português), em que ele pesquisou nos arquivos familiares: “Os álbuns familiares, os retratos de casamento e de formaturas, entre outros ritos de passagem, tinham uma tutoria mantinham um elo afetivo”, comenta Rubens Fernandes Junior. Segundo Lukács (2010), a verdadeira arte, nos permite transcender o imediato, nós colocamos diante do reflexo do mundo para além do mero fenômeno.

O PROJETO EXPOSIÇÃO ANGÚSTIA

A exposição Angústia, realizou-se na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Campus I em Arapiraca- AL, pelo professor Dr. Vicente Guimarães e sua turma na disciplina Arte e Educação, como culminância dos estudos desse componente curricular que visava a compreensão das relações sociais para além da imediaticidade da vida cotidiana, por meio da estética apresentada pelo estudioso Lukács (2010).

Utilizando-se de imagens e das representações humanas que estão presente nas fotografias, a atividade de extensão desenvolvida no evento traz como arcabouço teórico prévio a prática, os estudos de Benjamin (2012), Bourdieu (1965) entre outros. A proposta visava colocar tanto os participantes quanto os espectadores diante da reflexão do mundo para além do mero fenômeno.

A exposição Angústia teve como foco, apreender pelo olhar fotográfico, a dinâmica do cotidiano no contexto da sociedade. As imagens devem relevar a angústia dos indivíduos diante de uma vida sem sentido, que se coloca como imutável e definitiva na sociabilidade burguesa. O que nos leva a seu objetivo que se desponta em promover o desenvolvimento da arte (fotografia) como uma experiência que permita apreender o mundo para além do seu imediato. E com isto, colabore para a elevação da consciência, sobre as contradições postas na sociedade do capital.

Ademais, a busca por sentido na existência humana reflete sobre a vida e a luta cotidiana imposta pelo sistema capitalista. Dentro desse contexto, a existência e a busca por uma vida digna no qual possam ter uma significância revela assim as condições e limitações desse sistema

que moldam a condição humana. Sendo assim, a exposição à angústia retrata a arte no qual expressa e transcende a realidade sobre a compreensão do mundo ao redor. Isto posto, Lukács (1970, p.274) salienta que:

A arte opera diretamente sobre o sujeito humano; o reflexo da realidade objetiva, o reflexo dos homens sociais em suas relações recíprocas, no seu intercâmbio social com a natureza, é um elemento de mediação, ainda que indispensável; é simplesmente um meio para provocar este crescimento do sujeito (LUKÁCS, 1970, p. 274).

Frente ao exposto, por meio da arte permite questionar e refletir sobre a realidade social, o sujeito humano e sua objetividade. Nesse contexto, as imagens focam no sujeito e sua relação com sua prática social no cotidiano. Dessa forma, é evidenciada através da arte a prática social e o impacto direto sobre o sujeito humano e sua realidade manifestadas nas fotografias da exposição.

A metodologia adotada desenvolveu-se nas seguintes etapas: Discussão teórica sobre a vida cotidiana dos homens, partindo da estética de Lukács, segunda etapa: Criação do espaço (no aplicativo *WhatsApp*) Laboratórios de Imagens, onde os alunos produziram ensaios fotográficos livres (exercício que antecipava o ato final), terceira etapa: Produção das imagens para a exposição angústia, quinta etapa: apresentação das fotos escolhidas e discussão sobre estas e o objetivo da exposição, sexta etapa: Elaboração da exposição-(local, formato, textos explicativos das imagens, produção do banner, período da exposição, divulgação da exposição e criação do *Instagram* da exposição Angústia).

A relevância desse momento se consta no fato de que proporcionou para os discentes do Curso e toda comunidade pertencente à universidade que se fez presente um olhar que irrompe aquele direcionado ao imediato da vida cotidiana. Sendo assim, por meio da estética de Lukács, a arte e a ciência possibilitam uma conscientização da realidade social, as imagens expostas retratam as angústias e a invisibilidade de alguns indivíduos à margem da sociedade pela cruel lógica do capital.

Assim, causam uma reflexão que possibilita uma transformação de pensamento e o olhar centrado no indivíduo e no coletivo, desse modo contribui para que seja possível despertar para a realidade a qual estamos inseridos e elevar a consciência, a partir da ruptura e o retorno ao cotidiano, no que diz respeito às contradições da sociedade capitalista. Fatores necessários para a formação inicial do pedagogo, ensinado nessa disciplina.

A VIDA COTIDIANA

Para Lukács, a vida cotidiana é o palco da produção e reprodução de nossa existência. Os homens, objetivam resolver seus problemas, sendo esses problemas resolvidos dentro da superficialidade da cotidianidade. Nesse sentido, os homens não conseguem aprender de forma imediata todos os elementos que contribuem para uma tomada de posição diante das alternativas cotidianas.

O cotidiano, é segundo Lukács algo insuprimível, portanto, não pode existir homem sem cotidiano e cotidiano sem o homem (homem aqui não no sentido de gênero, mas no sentido de humanidade). A vida cotidiana, não é algo deslocado da história, mas é pelo contrário, o resultado do agir de todos os sujeitos. Para o filósofo húngaro, existem determinações de caráter fundamental no que tange o cotidiano. Em primeiro lugar, a cotidianidade se apresenta dentro de uma heterogeneidade, ou seja, é um conjunto de objetivações sociais que se movimentam de forma simultaneamente, como observou Netto e Braz (2012, p. 67) linguagem, trabalho, interação, jogo, vida política e vida privada.

A vida cotidiana, é de caráter imediato, os homens estão agindo na vida. Essa ação ou esse agir é sempre uma resposta a uma pergunta diante de problemas da vida. Nesse sentido, pensamento e ação estabelecem uma relação direta, não cabe aqui um pensamento crítico sobre todos os elementos que estão envolvidos no plano imediato. Outro elemento, é a sua superficialidade extensiva, que Netto e Braz (2012) afirmam, que:

a vida cotidiana mobiliza em cada homem todas as atenções e todas as forças, mas não toda a atenção e toda a força: a sua heterogeneidade e imediatividade implicam que o indivíduo responde levando em conta o somatório dos fenômenos que comparecem em cada situação precisa, sem considerar as relações que os vinculam (NETTO e BRAZ, 2012, p. 68)

Portanto, a vida cotidiana é a expressão dos gestos, de um certo grau de hierarquia não rígida, que possibilita uma ordenação a nossa existência. A vida cotidiana como palco da produção e reprodução da existência, é atravessada na sociedade contemporânea, pelo capital.

O capital, é uma forma de relação social, estabelecida pela propriedade privada, Estado e pela exploração da classe trabalhadora pela burguesia. Tal relação social, tem como ponto central a compra e a venda de mercadoria, sendo assim, o capital busca objetificar tudo, inclusive o próprio homem, pois tudo passa a ser mercadoria.

Quando a vida se torna um grande “supermercado” onde homens e mulheres não passam de mercadoria, ofertadas no mercado, os gestos, os movimentos, ou seja, a própria existência humana, foi se tornando angustiada, melancólica, sem sentido. O viver é agora apenas viver,

dia após dia parece que tudo se repete, e no imediato da vida cotidiana, percebemos todo esse processo como algo “natural” à vida. Quando na mais plena objetividade, é resultante o agir de homens sobre outros homens, que buscam tornar-se o particular burguês no universal humano.

Assim, a vida melancólica, sem sentido e niilista se constitui em uma grande agenda burguesa desde 1848, com sua filosofia irracionalista que domina e espolia a classe trabalhadora, e amplia a sua produção e reprodução.

A VIDA MELANCÓLICA DO HOMEM SOB A TUTELA DO CAPITAL

Nos últimos anos, com o aprofundamento da crise estrutural do capital, presenciamos uma sociedade cada vez mais marcada pela ordem do capital que, pelas mais diversas estratégias, interioriza em homens e mulheres marcas do egoísmo e do individualismo, além de uma angústia e uma desesperança, na emancipação das pessoas, e em outra possibilidade civilizatória. Nesse sentido, desejam universalizar o capital como a última forma de sociabilidade humana. Portanto, a história teria chegado ao seu fim. Daqui em diante, só é possível reformar, jamais mudar o mundo.

Fromm (1983, p. 27) assevera que “assim como o homem transforma o mundo ao seu redor, ele também se transforma no processo da história. Ele é, por assim dizer, a sua própria criação”. Essas ações podem confirmar o que está posto ou colocar em curso a sua ruptura, visto que as relações sociais são dialéticas e contraditórias, e não um caminho de mão única, como objetiva a burguesia em seus planos de uma eterna dominação e espoliação da classe trabalhadora.

Num outro momento de sua obra “Psicanálise da sociedade contemporânea”, Fromm (1983, p. 28) afirma: “O homem é sempre, em qualquer cultura, manifestação da natureza humana, manifestação essa que é, em sua expressão específica, determinada pelos arranjos sociais sob os quais vive”.

Os argumentos apresentados por Fromm (1983) reforçam ainda mais o processo de clivagem afetiva que vivemos no contexto da sociabilidade do capital, o que Coutinho (2017) chamou de desligamento da consciência. Ou seja, estamos perdendo a nossa humanidade ao tempo que interiorizamos os valores burgueses universais da compra e da venda, do fetiche da mercadoria, reificando homens e mulheres em coisas que se relacionam com outras coisas. É o mundo da coisificação.

Essa realidade reificada é vivida pela maioria das pessoas, num mundo em transe, no qual o padrão burguês de ser é, por excelência, o único e o último padrão que a humanidade poderia ter criado. O mundo em transe é o da homogeneidade burguesa, no qual todos estão convencidos de seus papéis sociais. Os antagonismos de classe são tratados como discordâncias que podem ser resolvidas, nos quais as transgressões de grupos são permitidas como forma de protesto por direitos.

Portanto, os direitos são a expressão da luta do negro, da mulher, do meio ambiente, dentre outros. Lutas que não se unificam, mas, pelo contrário, se individualizam e se fragmentam. Os novos movimentos sociais estão cada vez mais dentro dos limites do capital e apresentam um discurso recheado por um pensamento pós-moderno, no qual o “lugar de fala” escamoteia e retira dos movimentos sociais o lugar das lutas de classes. É o palco perfeito para a dominação de corpos e mentes e para a transgressão como um ato revolucionário individualizado. É a confirmação de um eterno retorno, já que a sociabilidade burguesa e seu capital não são atacados; ao contrário, são cada vez mais naturalizados.

IMAGENS: EXPOSIÇÃO ANGÚSTIA



Imagem 1. Cartaz da exposição



Imagem 2. Equipe discentes e docente (Projeto Angústia)



Imagem 3. A Exposição



Imagem 4. A Vida Cotidiana



Imagem 5. A Solidão e a Melancolia da Vida Cotidiana sob a Tutela do Capital



Imagem 6. Sem título

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de apropriação do real, é em primeiro lugar, uma ação prática que exige dos homens, ir para além do fenômeno em sua mera aparência, implicando o conhecimento da essência do movimento das verdadeiras forças motrizes da vida cotidiana.

Em decorrência destas reflexões, a vida cotidiana de todas as pessoas, é segundo Lukács, para além do imediato, existindo três dimensões que nos permite elevação de consciência: o trabalho criativo, a ciência e a arte. Portanto, em Lukács por essas dimensões da práxis humana, os homens tornam-se mais humanos, mas consciente de si e de sua existência.

Partindo, desta premissa o ato de fotografar o cotidiano, por partes dos discentes envolvidos neste projeto, buscou objetivar capturar as imagens da cotidianidade, expondo as angústias, a vida melancólica tendo como cenário a sociedade do capital e suas contradições.

Essas contradições, rasgam a ideia de que a vida melancólica, da repetição de gestos é imediata, possui um caráter de imutabilidade, e assim passa a ser vista como parte integrante da “natureza humana”. Sendo assim todos os sentimentos que vivemos no cotidiano da vida, é algo apreendido. Na dinâmica do capital, promover uma vida dedicada exclusivamente ao trabalho, à produção básica da existência, da mera preocupação vai aprisionando cada vez mais a subjetividade de sujeitos que não tem nem o tempo para pensar além do imediato.

A exposição angústia, foi o olhar para além do que nossas retinas podem captar do real, foi buscar a angústia de olhares, de corpos marcados pelas cicatrizes de uma sociabilidade burguesa, que necessita, segundo o autor, promover a desorientação para perpetuar seu poder de exploração sobre a classe trabalhadora. Mas a história dos homens, é sempre um campo aberto, marcado pela possibilidade, pela contradição, o que implica a não homogeneidade no sentido literal da palavra do capital.

6. REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **A obra de arte da época de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2012.

COUTINHO, N. C. **O estruturalismo e a miséria da razão**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2017

FROMM, E. **Psicanálise da sociedade contemporânea**. São Paulo: Zahar, 1983.

LUKÁCS G. **Introdução a uma estética marxista**. Trad. Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

LUKÁCS, G. **A estética**. Estetica. Barcelona: Grijalbo, v. 1, 1974.

LUKÁCS, G. **Ontologia do ser social II**. São Paulo: Editora Boitempo, 2010.

TERTULIAN, N. Lukács: **Etapas De Seu Pensamento Estético**. São Paulo: UNESP, 2008.